

Estado civil: solteiro. — Profissão: Jornalista.
Entrada: em 25 de dezembro de 1919.
Saída: Transferido em 26 de dezembro de 1919.

Diagnóstico: Alcoolismo.

Confere o original. I. Ps. da U.B. Em 14 de maio de 1948.

(a) CECÍLIA DE OLIVEIRA ROCHA.
Auxiliar de Escritório”

(Cópia da observação de Afonso Henriques de Lima Barreto, constante do Livro de Observações Clínicas do Instituto de Psiquiatria do Brasil, in *A Vida de Lima Barreto*, de Francisco de Assis Barbosa)

Mortícios, apesar de haver neles uma vaga luz mística. Em qualquer hora do dia ou da noite, esse aspecto atraía a atenção do observador. Nenhum outro traço, nem na fisionomia, nem no corpo, havia em Lima algo diferente da massa comum dos cruzamentos afro-brasileiros. Já no fim, cansado, um pouco curvado para a frente. Falando lentamente, recorrendo a óculos para ler, sabia ouvir com atenção para só opinar no momento exato em que o interlocutor houvesse concluído a expressão do pensamento. Então, com a mesma serenidade, ele analisava os pontos de vista expedidos e opunha, conforme o caso, os seus, argumentando com delicadeza e segurança tal que, ou o adverso aceitava, e sem discussão, a troca de palavras, ou a conversa findava naturalmente. Mãos e pés pequenos, cabeça média, eu ainda o conheci sem protuberância no ventre, magro (mais para magro do que para gordo) e ainda escorreito.

“Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas maleo-polinésicas; mas não havia meio!

Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha aquela energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings on the English-Oceanic Association*, *Archivo Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: ‘Lá vai o sujeito que sabe javanês’. Nas livrarias, os gramáticos consultavam-se sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. A convite da redação, escrevi, no *Jornal do Comércio*, um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna...

— Como, se tu nada sabias? interrompeu-me o atento Castro.

— Muito simplesmente: primeira, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas de geografias, e depois citei a não mais poder.”

(O Homem que Sabia Javanês)

Não usava armas, nem mesmo bengala que, até então, era comum. Às vezes, levava um guarda-chuva. Se, ao sair de casa o tempo estivesse perturbado; se não, recorria às defesas de marquizes, esgueirando-se junto às vitrinas até achar um café onde, pacientemente, e de pé, se não encontrasse uma cadeira vaga, esperava a cessação da chuva. Sabia rir com piadas, anedotas, essa coisa toda. Só não gostava de trocadilho. Nas rodas que o conheci, sempre foi tratado como irmão. Mas ele se ressentia do preconceito, a prova é que jamais frequentou os salões da sociedade.

“Nasci sem dinheiro, mulato e livre.”

(Vida Urbana)